

O TRABALHO NO SÉCULO 21: SAI A RIGIDEZ; ENTRA A CRITIVIDADE E A FLEXIBILIDADE, DIZ DOMENICO DE MASI
(http://www.funenseg.org.br/noticias/noticias_interna_new.cfm?id=847)

A organização de trabalho baseado num modelo rígido, cheio de regras e com horário para entrada e saída, que veio a reboque da Revolução Industrial, não tem mais lugar no mundo. Agora, o momento é de criatividade e flexibilidade, de pensar mais em bem-estar, em qualidade de vida e na colocação em prática da concepção de que nem sempre a produção do trabalhador está restrita às paredes de um escritório. O tempo livre, numa sociedade movida a celulares, tecnologias digitais e internet, também pode ser muito bem utilizado para a geração de idéias, amor e amizade. É o ócio criativo, uma revolucionária teoria apresentada no final da manhã de hoje, durante a 2ª Conseguro, pelo sociólogo italiano Domenico De Masi.

Para uma platéia "treinada" e acostumada a ouvir e palavras como "competição", "concorrência", e incentivada a disputar ferozmente mercados e clientes numa velocidade cada vez maior, De Masi, um simpático napolitano de 65 anos, disse que já está na hora de pensarmos mais em utilizar melhor nossas vidas. "A idéia do trabalho criativo é nos libertarmos da obrigação do trabalho, daquela idéia antiga de só viver para trabalhar", teoriza. Até porque, emenda ele, "corre o 'boato' de que só se vive uma vez."

A idéia que o Ocidente tem da "importância do trabalho", lembra o sociólogo, é de apenas duzentos anos. Antes desse período, ressalta ele, o "trabalho" tinha uma definição no mínimo intrigante. "É o esforço que faz o parafuso entrar na madeira", disse De Masi, citando o verbete criado por Diderot & Dalambert. Domenico vai até a Roma Antiga para nos lembrar como estamos escravizados pela idéia de trabalho. "Até os escravos trabalhavam menos de cinco horas. Esse conceito de trabalho que herdamos das fábricas do começo do século 19, com hora para entrar e para sair, não se aplica mais ao trabalho criativo", ilumina. Para ele, podemos ter muito mais idéias fora do nosso ambiente de trabalho. "Um publicitário não sabe quando vai ter aquela idéia; pode ser no seu local de trabalho, na rua, observando a natureza ou até mesmo fazendo sexo com a mulher", idealiza.

Essa não-rigidez de horários e o incentivo da criatividade fora dos escritórios são fatores que o sociólogo italiano define como "desestruturadores" do sistema de trabalho herdado das fábricas inglesas, que já dura mais de 200 anos. É um novo modelo de vida, que ele chama de "sociedade pós-industrial". Segundo ele, esse novo paradigma privilegia serviços "imateriais", como seguro, comunicação, confiabilidade, emotividade, subjetividade, qualidade de vida e estética.

Amigo do arquiteto Oscar Niemeyer ("o mais genial brasileiro que conheço"), Domenico De Masi diz que essa nova visão do trabalho criativo permite também uma revisão na questão da aposentadoria e do conceito de terceira idade. "Não é possível mais existir esse modelo tradicional, na qual um cidadão atinge uma certa idade e se aposenta. É preciso agora haver uma negociação entre empresa e empregado. A questão da velhice é relativa; não significa perda de criatividade. Veja o Niemeyer, que está com 96 anos e cria monumentos fantásticos", elogia.

Para De Masi, o ócio criativo, fruto dessa nova sociedade pós-industrial que preconiza, deve associar estudo, trabalho e diversão/lazer. "Isso vai nos trazer um grande bem-estar e ao mesmo tempo atenderá às nossas necessidades de vida. Não se pode mais ficar

pensando só em competição, disputa e riqueza", frisa. Nas suas contas, o ser humano, em média, vive 530 mil horas. Dessas, 80 mil são destinadas ao trabalho e 220 mil à saúde e aos cuidados com o corpo. Segundo ele, o ser humano tem 200 mil horas de tempo livre na sua existência. "E como ele não está acostumado ao trabalho criativo, fica sem saber o que fazer: ou vai para as drogas ou fica entediado. Mas esse tempo livre tem que ser direcionado para o amor e a amizade", exemplifica.

É possível que a palestra de Domenico De Masi cause no mínimo uma certa confusão nos profissionais do mercado de seguros brasileiro. Mas para o presidente do Conselho de Administração da Icatu Hartford, Nilton Molina - que coordenou a palestra -, as palavras do sociólogo italiano serviram para uma mea culpa. "O mercado de seguros brasileiro é extremamente conservador e não-criativo. Precisávamos muito dessa palestra", reconhece.

"Os criativos vão ganhar dos burocratas no século 21". Tomara que estas palavras de Domenico De Masi sejam proféticas neste começo de milênio. E é muito provável também que quando lembrarem das teorias do sociólogo italiano, repitam ainda as palavras do brasileiro Gilberto Freyre, utilizadas como inspiração pelo precursor de uma sociedade baseada na valorização do trabalho e da produção criativa e flexível. "Se dependesse de mim, nunca chegaria à maturidade. Sempre ficaria verde, experimental."

(Antonio Carlos Teixeira)
